

Pleuropneumonia suína

Vera Letticie de Azevedo Ruiz - letticie@biologico.sp.gov.br

Fabio Gregori

Josete Garcia Bersano

Maria Isabel Camargo Pinto Ferraz

Centro de Pesquisa e Desenvolvimento de Sanidade Animal

Número 36 - 05/06/2006

O *Actinobacillus pleuropneumoniae* (APP) é o agente etiológico da pleuropneumonia dos suínos, doença responsável por grandes perdas econômicas na suinocultura mundial.

Este agente é um cocobacilo gram negativo classificado em dois biovars (I e II) e 15 sorotipos. Os sorotipos são definidos pela produção de uma ou mais toxinas RTXs ("repeat in toxin"), sendo elas ApxI, ApxII, ApxIII a ApxIV. Atualmente, podem-se definir três níveis de virulência. Os sorotipos 1, 5, 9 e 11 são considerados mais severos, enquanto que os sorotipos 2, 4, 6, 7, 8, 12 e 15 são moderados e o 3 é considerado leve. Os demais (10, 13 e 14) raramente são isolados.

As lesões no pulmão e na pleura variam desde uma pleuropneumonia exudativa fibrino-hemorrágica e necrótica não purulenta, até aderências de pleura e pericárdio, podendo apresentar-se também na forma de focos de necrose pulmonar encapsulados. A transmissão ocorre por via aerógena e por meio do contato direto entre os suínos mantidos na mesma baía ou em baias adjacentes.

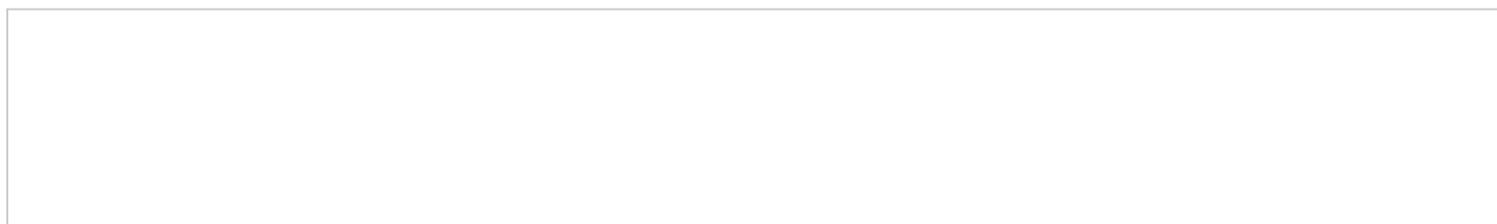
O agente pode localizar-se nas tonsilas, abscessos e em nódulos pulmonares dos suínos, transformando-os em portadores assintomáticos. Fêmeas infectadas ou vacinadas desenvolvem imunidade sorotipo específica que, por meio do colostro, protege seus leitões nas primeiras semanas de vida. O primeiro relato da infecção ocorreu em 1959 no norte da Califórnia, enquanto que no Brasil, o primeiro relato foi feito em Santa Catarina em 1981. Desde então, o agente tem sido isolado com certa frequência e diferentes metodologias tem sido empregadas, viabilizando a sorotipagem eficiente, rápida, de fácil execução e baixo custo.

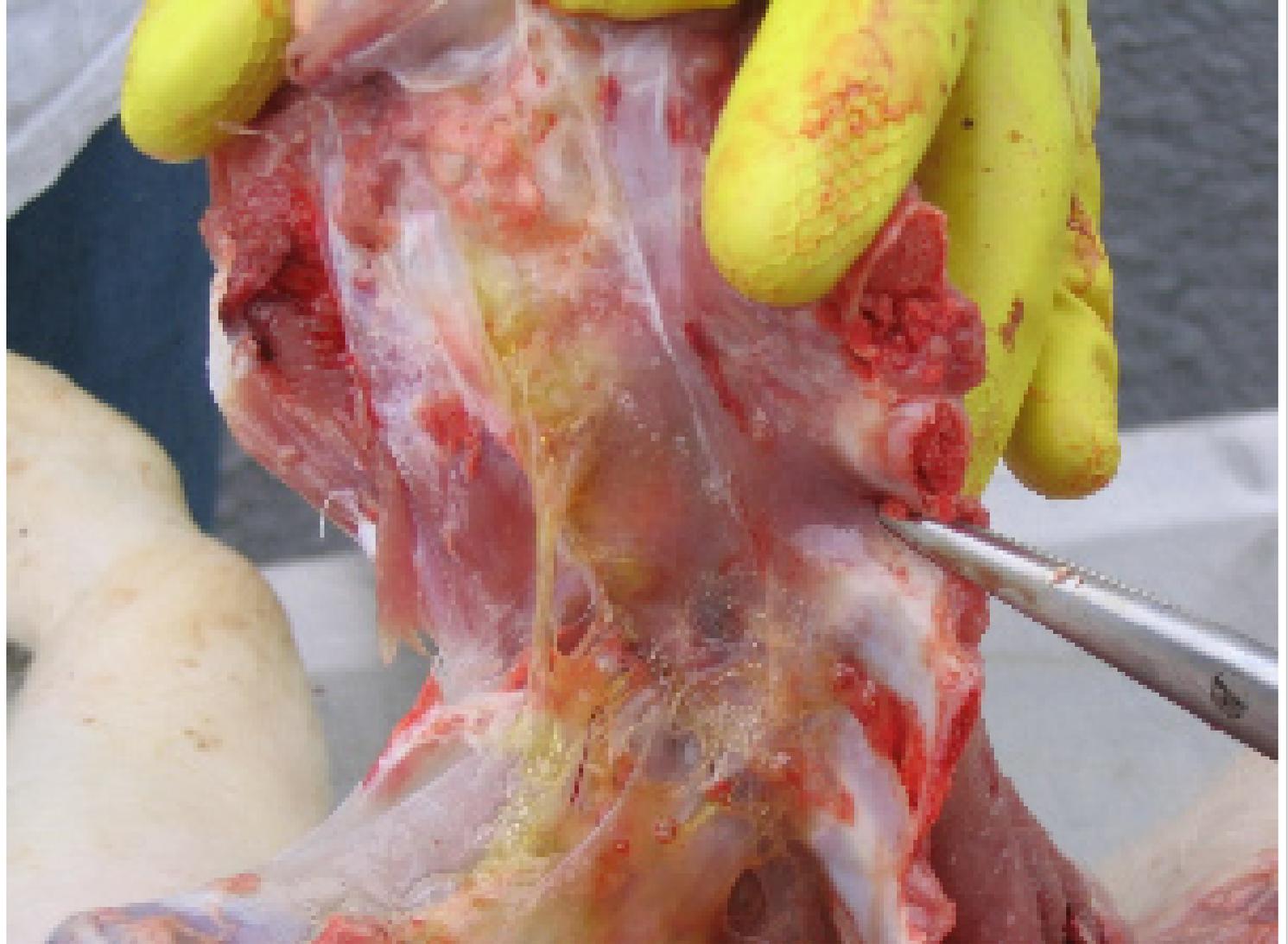
O diagnóstico pode ser feito a partir de isolamento bacteriano com identificação por série bioquímica ou soroprecipitação rápida em placa, ou ainda por reação em cadeia pela polimerase (PCR). Em pesquisa utiliza-se, além dessas técnicas, a imunoeletroforese, imunofluorescência, imunodifusão e hemaglutinação passiva.

Espera-se que a adoção de medidas de controle e profilaxia eficazes também devam contribuir para a erradicação da pleuropneumonia suína nos rebanhos brasileiros. A limpeza e desinfecção das baias é de suma importância para o controle da infecção no rebanho e o uso de antibióticos deve ser sempre acompanhado por um médico veterinário, que estabelecerá por meio de testes de antibiograma, qual é o medicamento mais adequado.

A enfermidade tem sido controlada por meio da vacinação, que impede a mortalidade, mas não a infecção. A erradicação da enfermidade num plantel fica dificultada pela presença dos portadores, recomendando-se a eliminação do rebanho e a re-população com animais livres. Os estudos que estão sendo desenvolvidos no Brasil demonstram o interesse e a importância desta enfermidade em suínos e as pesquisas têm buscado metodologias mais específicas e sensíveis para o diagnóstico.

Os pesquisadores do Laboratório de Doenças de Suínos "Washington Sugay" do Instituto Biológico estão atualmente pesquisando técnicas moleculares (PCR) para futura implantação na rotina diagnóstica.





Aderência (pleura e gradil costal).

(uploads/artigos/36/1.jpg)



Pulmões com os dois lobos acometidos.

(uploads/artigos/36/2.jpg)